



DISCURSO DA PRESIDENTE DA ABEn NACIONAL

Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca

Hoje é um dia muito especial e esperado. Trata-se da abertura do primeiro evento da nossa gestão, denominada “Enfermagem: coletivo plural”. Nossos compromissos de ação incluem reiterar os esforços para que os eventos da ABEn se configurem cada vez mais como espaços frutíferos de construção do conhecimento para mudar a nossa prática profissional.

Na confluência da tradição, do respeito pela história e da abordagem crítica das questões inerentes ao desenvolvimento da profissão de enfermagem, a Associação Brasileira de Enfermagem vem consolidando uma trajetória exemplar na sociedade brasileira.

Ao longo da sua história, as reflexões, discussões e decisões sobre assuntos pertinentes e prementes da profissão têm possibilitado intervenções em relevantes questões da saúde e condições de vida da população. No campo da ciência, a ABEn é referência na construção e divulgação do conhecimento da enfermagem em benefício da população.

É importante ressaltar que a atuação da ABEn não se restringe somente aos interesses dos associados, pois sua ação é expandida e ampliada aos espaços políticos e decisivos do fazer saúde, educação e ciência tanto no âmbito nacional quanto internacional. Prova disso é que temos estado presentes em espaços privilegiados de defesa da cidadania e dos direitos da população como o Conselho Nacional de Saúde.

Mas não tem sido fácil levar a cabo nossos objetivos. O tempo atual configura-se como extremamente difícil em termos de conjuntura nacional, com significativo agravamento da crise social que vai do econômico ao político, sobraçando pelo moral e ético, nos levando a descrecer cada vez mais nas instituições, por mais que elas pareçam sólidas e indestrutíveis. Quem diria, por exemplo, que as duas casas governamentais que deveriam primar pela justiça social e pela defesa da lei máxima da nossa sociedade estariam tão desacreditadas como hoje estão as nossas mais altas instituições políticas? Não é à toa que as críticas, mesmo aquelas aparentemente mais justas e felizes – e em cujos pilares gostaríamos de acreditar para ter ao menos alguma esperança no futuro – costumam jogar tudo fora, como diria o saber popular, a criança, a água do banho, o sabonete e, quem sabe, até a mãe desvairada?

Este tipo de crítica, mesmo que coerente com a descrença que a fomenta não tem levado a nada. Isto porque a realidade trata de vilipendiar as políticas sociais e suas insuficientes conquistas por meio do acachapante desmonte vigente, carregando consigo conquistas singulares obtidas nas práticas profissionais, entre elas a da enfermagem. Sim, porque no caso da ciência de enfermagem, a despeito das dificuldades, não se pode negar que a produção científica tem crescido exponencialmente nas últimas décadas e estamos aqui num evento que deverá mostrar isto. O SENPE é o espaço primaz para se discutir o porvir da nossa produção científica. Tem sido assim e esperamos que continue.

No entanto, mesmo o sucesso do passado corre o sério risco de diluir-se ou até anular-se diante da insegurança do presente e da fragilidade do futuro. A desesperança de que padecemos pode não apenas diminuir nossas forças como contaminar todas as possíveis iniciativas de reafirmação das pedras angulares positivas das nossas instituições. Enquanto instituição - ATENÇÃO - a ABEn também pode padecer do mesmo mal. É preciso não cair na armadilha do negativismo ou da crítica demolidora. Não se pode aspirar

conhecer a realidade se a crítica não visar à reafirmação, à desconstrução e à reconstrução da realidade, temperadas com um ingrediente essencial da vida, o bíblicamente chamado *sal da vida*, que é a paixão.

Longe de insanidade, como querem justificar os lunáticos, entenda-se por paixão uma dada responsabilidade em relação ao outro que, no entanto, não é incompatível com a liberdade ou a autonomia dos sujeitos e dos próprios entes envolvidos (no nosso caso, a Enfermagem, a própria ABEn, o SUS). A paixão funda, sobretudo, a liberdade situada, dependente, determinada, vinculada, obrigada, inclusa, que se justifica não nela mesma, mas na aceitação primeira de alguma coisa que está fora de nós, mas com a qual nos comprometemos e queremos alcançar. E, justamente por isso, é capaz de nos fazer apaixonar, ou pela qual somos capazes de nos apaixonar⁽¹⁾.

Apaixonar-se é morrer e viver um pouco a cada dia pela causa (qual é a nossa causa?), é indignar-se e resignar-se frente às adversidades, é chorar de rir, chorar de dor ou chorar diante da dor.

Apaixonar-se é viver todas as incertezas do desconhecido com a certeza de que tudo é incerto, mas pode dar certo. É duvidar e acreditar, é tomar e doar, é desconstruir, construir e reconstruir-se. Por isso, como diz Vinícius de Moraes, *Quem nunca curtiu uma paixão, nunca vai ter(ser) nada não*⁽²⁾.

Se estamos numa causa, de corpo e alma, é porque, de alguma forma, em algum momento, nos apaixonamos por ela. Se, em algum dia, nos apaixonamos pela enfermagem ou pela sua instituição máxima, para nós, a ABEn, é porque a tornamos mote para nossa ação, quiçá para a vida – de trabalho, de estudo, de aspiração. Sim, porque o sujeito passional é um sujeito de ação, desconformado, inconformado e sempre em busca do fortalecimento da relação entre ele e a causa, tensão essa que só se resolve por meio da ação. E a ação a que nos referimos não é a aquela da mesmice cotidiana, reiteradora e inconseqüente. É a ação consciente, política, compromissada, de transformação. É uma ação grande como interferir ou participar ativamente de uma política pública, ou transformar o perfil de saúde-doença de um indivíduo, de uma família, de uma coletividade.

O termo transformação é originário do latim *transformatio+ónis* na conjunção de *trans* (*movimento para além de, através de; posição para além de; posição ou movimento de través*) + *formatio* + *ónis* (*ato, efeito ou modo de formar*).³ Do ponto de vista sociológico, a transformação é o cerne da ação política do ser humano. É concebê-la no horizonte que nos dá a certeza de que jamais seremos iguais ao sair de uma experiência, assim como nossa ação jamais será a mesma.

Para nós, da enfermagem é esse o desafio a ser enfrentado: ver e rever a nossa prática social, na qualidade de integrantes ativos da Enfermagem e, no momento atual do Brasil, do Sistema Único de Saúde, como seres apaixonados, portanto, responsáveis, compromissados e comprometidos, para guiá-los em direção à transformação pretendida.

Porém, ainda há duas questões intimamente articuladas sobre as quais ainda nos resta refletir. A primeira é que colocar em prática tudo o que é discutido (e que será discutido e pactuado neste evento) buscando resultados transformadores somente será possível se nos iluminarmos pela ética universal, que Paulo Freire definiu filosófica e poeticamente na sua obra *Pedagogia da Autonomia* com as seguintes palavras:

Estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem *tratar* sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar... não é possível⁽⁴⁾.

Não menos importante é a questão de que estar na Enfermagem, viver eticamente a enfermagem só é possível aliando-se a Enfermagem-ciência à Enfermagem-arte que, não podendo da primeira dissociar-se, empresta-lhe o conteúdo humano de nossa prática social. Fazer Enfermagem-arte supera o dever de ofício para, parafraseando a professora Vilma de Carvalho, transformar-se em *fê de ofício*. E a *fê* move montanhas... Portanto, vamos nos esperar, vamos voltar a acreditar que é possível mudar (a nós, o mundo e a enfermagem) mesmo quando tudo parecer perdido. Pois é nesse ponto que a realidade pode

começar a mudar. Desejo um feliz e apaixonado evento para todos nós... e que a paixão continue a temperar a nossa gestão, do primeiro ao último evento...

Referências

1. Freire R. Sem tesão não há solução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
2. Toquinho & Vinicius. Como dizia o poeta. 1996
3. Houaiss A. Grande Dicionário *Houaiss* da Língua Portuguesa. Transformação. Disponível em <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#1>
4. Freire P. Pedagogia do oprimido, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987